

PENSAR A ANÁLISE DO DISCURSO “COM” MICHEL FOUCAULT: A ARQUEOLOGIA COMO POSSIBILIDADE ANALÍTICA

Antônio Fernandes Júnior¹

Carine Caetano Drumond²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo, primeiramente, mapear por quais caminhos teóricos o pensamento de Michel Foucault adentra o campo da Análise dos Discursos de orientação francesa (doravante AD), em especial pela via de uma nova concepção histórica que autores como Jean-Jacques Courtine, ainda num projeto pecheutiano dos anos 1970/1980, introduzem nos estudos discursivos realizados à época. Investigar como se deu a apropriação teórica daquele autor pela AD e compreender em que consiste o “pensar com Foucault”, tomando por referência a expressão cunhada por Courtine (2013), indica como o pensamento foucaultiano, em particular a arqueologia com sua ênfase na relação Discurso/História, pode-se configurar, metodologicamente, como uma analítica que tem por eixo condutor a trajetória sócio-histórica de formação das discursividades, ressaltando a dimensão crítica das análises.

PALAVRAS-CHAVE: *Análise de Discurso; Michel Foucault; Arqueologia.*

THINKING DISCOURSE ANALYSIS “WITH” MICHEL FOUCAULT:

ARCHAEOLOGY AS ANALYTIC POSSIBILITY

ABSTRACT: This article aims at, firstly, mapping the theoretical paths through which Michel Foucault thinking enters the field of French Discourse Analyses (henceforth DA), specially through the way of a new historical concept that authors such as Jean-Jacques Courtine, still in a pecheutian project of the 1970s/1980s, introduce in the discursive studies at the time. Investigate how the theoretical appropriation of that author by DA occurred and understand what the “thinking with Foucault” consists, considering as reference the expression coined by Courtine (2013), indicates how the foucaultian thinking, in particular the archaeology with its emphasis in the relation Discourse/History, can be configured, methodologically, as an analytics that presents as its leading axis the socio-historical path of formation of discursivities, highlighting the critical dimension of the analyses.

KEYWORDS: Discourse analysis; Michel Foucault; Archaeology.

¹ Professor Doutor em Estudos literários pela FCLar/UNESP. Docente na Graduação e Pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. E-mail: tonyfer@uol.com.br

² Mestre em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. E-mail: cacaetano2209@gmail.com

INTRODUÇÃO

Perguntar por quais caminhos teóricos o pensamento foucaultiano adentra o campo da Análise dos Discursos (doravante AD) – sabendo ser Michel Foucault um autor que, mesmo sem a pretensão de instituir um campo do saber, inspirou e continua inspirando tantos estudos de natureza discursiva – remete a pesquisa ao percurso histórico de constituição da AD enquanto campo científico fundado por Michel Pêcheux, nos anos 1970 e 1980, na França. Se esse percurso investigativo, objeto de reflexão já desenvolvida em outras ocasiões³, foge à temática aqui proposta, é importante fazer-lhe uma referência inicial visto que, somente a partir dele, foi possível perceber que pensar discursivamente “com” Foucault implica uma certa especificidade de raciocínio.

Acerca do projeto pecheutiano de fundar um campo científico, Maldidier (2003, p.16) comenta que ele nasceu “sob o signo da articulação entre a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise” o que confere à AD a característica de ser um campo de “entremeio”, sujeito a várias influências e incorporações teóricas provenientes de diferentes matrizes epistemológicas e diferentes autores, dentre os principais, na avaliação de Gregolin (2003; 2007), Saussure, Althusser, Lacan, Bakhtin e Foucault. Paula e Fernandes Júnior (2014, p.197) lembram que “embora as abordagens teóricas sobre o discurso transitem nos entremeios da Linguística, da História e das teorias do sujeito, ocorrem de elas gravitarem com maior ênfase em torno de um desses eixos”, conforme o posicionamento teórico-metodológico adotado pelo pesquisador. Optar, por exemplo, pela proposta teórica de Michel Pêcheux, autor que não abandona, mesmo após muitas reformulações teóricas de seu projeto, a primazia da Linguística; ou por Michel Foucault,

³ Sobre essa questão consultar Paula e Fernandes Júnior (2014).

para quem a noção de “acontecimento” a partir de um novo sentido histórico apresenta-se como pano de fundo para sua arqueologia, implica em conferir às análises discursivas uma ênfase mais lingüística, no caso do primeiro, ou de maior “espessura” sócio-histórica, (SARGENTINI, 2010), no caso de Foucault. (PAULA e FERNANDES JÚNIOR, 2014).

Na adequação à temática da AD de orientação foucaultiana proposta para esta ocasião e provocados pela leitura do livro *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*, de Jean Jacques Courtine, publicado em 2011 na França e traduzido no Brasil em 2013, nossos objetivos se direcionam para a busca da especificidade de raciocínio que caracteriza o “pensar com Foucault”, no estreitamento das questões discursivas com a História. A opção teórico-metodológica de pensar discursivamente “com” Foucault, em especial a partir da ênfase arqueológica, nos deixou mais próximos da História e do Discurso do que da Linguística e do Texto, já que para Foucault as questões relativas aos discursos são apenas “secundariamente” um “problema lingüístico”. (COURTINE, 2013). Nas tensões entre a Linguística e a História, optar pela arqueologia como método que se encarrega da descrição histórica dos acontecimentos discursivos confere a essa última maior relevância nas análises da linguagem, numa chave de leitura corroborada por Courtine (2008, 2009, 2013) e também pelos próprios analistas dos discursos. (FERNANDES, 2012; SARGENTINI, 2010; PIOVEZANI E SARGENTINI, 2011).

Esperamos que ao percorrer esses caminhos de influências teóricas, ao delimitar a especificidade e indicar as contribuições que o pensar discursivamente “com” Foucault oferece ao campo da AD, tendo na arqueologia uma possibilidade analítica, as análises discursivas de orientação foucaultiana, para além da mera

aplicação de “conceitos operatórios” aos objetos numa perspectiva “intradiscursiva”⁴, também se comprometam com a seguinte implicação teórico-metodológica: é principalmente no estreitamento dos aspectos discursivos com a dimensão sócio-histórica que os constituem, no mapeamento descritivo da rede de fatores “extradiscursivos” que também constituem as discursividades no âmbito de seus surgimentos e funcionamentos sociais, que a arqueologia se configura, mais efetivamente, como analítica crítica e política da linguagem, denunciando as arbitrariedades que se inscrevem nos discursos e desconstruindo os estereótipos que modelam pensamentos e práticas.

1. O PENSAMENTO DE FOUCAULT ADENTRA O CAMPO DA ANÁLISE DISCURSIVA

Maldidier (2003) refere-se à entrada do pensamento de Foucault no campo da AD como um “caminho complexo” marcado por tensionamentos, críticas e reformulações. Nos anos 1976-1979, quando Pêcheux tenta dar novo fôlego ao projeto althusseriano, num momento acadêmico em que o projeto marxista já estava em crise, Michel Foucault é criticado abertamente por Pêcheux e classificado de “marxista paralelo” por não reconhecer a existência da “luta ideológica de classes”⁵. (GREGOLIN, 2007). Para aquela autora, “Se Michel Pêcheux teve sempre o sentimento

4 Em *Resposta a uma Questão*, Foucault (2010) comenta acerca de três níveis analíticos: o nível “intradiscursivo” (diz respeito às dependências entre os objetos, as operações, os conceitos de uma mesma formação discursiva), “interdiscursivo” (dependências entre formações discursivas diferentes) e “extradiscursivo” (dependências entre as transformações discursivas e todo o jogo de mudanças econômicas, políticas e sociais), fazendo aparecer “o feixe polimorfo das correlações” que se configuram em torno dos objetos discursivos.

5 Dentre as críticas feitas, particularmente as que passam pelo “crivo marxista”, o pensamento arqueológico de Foucault é acusado de ser limitado tanto em termos teóricos quanto metodológicos, ao não assumir um ponto de vista de classe, ao não explicitar a noção de ideologia, ao não considerar o materialismo histórico das relações de produção na produção dos discursos. (LECOURT, 1996).

de trabalhar não longe de Foucault, em 1977, ele acentua sua diferença”, mas logo em seguida, faz a ressalva de que: “está próximo, no entanto, o tempo em que aparecerá a necessidade de ler enfim Foucault.”. (MALDIDIER, 2003, p.64).

Segundo Gregolin (2007, p.156), o “divisor de águas” que indica um afastamento das posições althusserianas e uma proximidade com as ideias de Foucault foi o Colóquio *Matérialités Discursives* realizado em 1980, quando “historiadores do discurso” como Jean-Jacques Courtine, J. Guilhaumou, Régine Robin, Denise Maldidier encarregam-se “de fazer ver a importância de Foucault para a análise do discurso, focalizando as inter-relações entre a materialidade do discurso e a história”. O texto *O estranho espelho da análise do discurso*, de 1981, escrito como apresentação ao trabalho de Courtine sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos é uma profunda autocrítica do próprio Pêcheux às contradições teóricas e políticas até então adotadas em seu projeto discursivo. (MALDIDIER, 2003; GREGOLIN, 2007). A partir desse texto e nos anos finais do projeto pecheutiano, principalmente em dois outros escritos, *Leitura e Memória*, de 1981, e *Discurso: estrutura ou acontecimento*, de 1983, há uma interpelação fortemente foucaultiana no pensamento de Pêcheux. (GREGOLIN, 2007).

Gregolin (2007, 2013), em duas ocasiões, discorre sobre esses “diálogos e duelos” entre Foucault e Pêcheux. Na primeira, lembra que “nunca houve qualquer resposta direta de Foucault às críticas pecheutianas”, de modo que a figura de Foucault aparece “como um adversário estimulante, um interlocutor que exerce sobre Pêcheux, ao mesmo tempo, fascínio pelas possibilidades de suas propostas para a análise do discurso e recusa pelo lugar político em que se situa.”. (GREGOLIN, 2007, p.145). A outra ocasião, em fala proferida em minicurso, a professora relata que “quanto mais lia Michel Pêcheux, mais percebia a presença de

um outro, às vezes nomeado, outras vezes não. E esse outro, um adversário estimulante, era Michel Foucault.”. (GREGOLIN, 2013).

É com *A Arqueologia do saber*, obra de 1969 na qual se encontra uma sistematização da proposta arqueológica de Foucault, que o pensamento do autor passa a exercer influência direta no campo da AD. Piovezani (2009) conta que algumas noções arqueológicas trabalhadas por Foucault já circulavam entre os analistas do discurso e já haviam sido criticadas e incorporadas à AD, como por exemplo, a noção de “formação discursiva”. A respeito dessa noção, Maldidier (2003) relata sua apropriação pelo grupo de Pêcheux: inicialmente pensado por Michel Foucault em *A Arqueologia do saber*, a noção de “formação discursiva” é introduzida em *Língua, Linguagem, Discurso*, de 1971, e posteriormente reformulada em *Semântica e Discurso*, de 1975, quando Pêcheux articula “formação discursiva” com “formação ideológica”. Gregolin (2007) comenta que o uso no interior da AD e a adequação teórica da noção de “formação discursiva” à perspectiva marxista-althusseriana produziu muitos efeitos no projeto discursivo de Pêcheux. Um deles foi a crítica postulada por Courtine ao “uso fechado” dessa noção na perspectiva ideológica da luta de classes e, posteriormente, a própria retrospectiva autocrítica de Pêcheux quando, ao entender o discurso como da ordem da estrutura e do acontecimento, atribui a ele uma dimensão de devir histórico, afastando-se da concepção determinista de História recorrente nas leituras marxistas.

Já sob influência dos pensamentos de Foucault e de Deleuze, no caso de Jean-Marie Marandin, este e Jean-Jacques Courtine são lembrados não só por Piovezani (2009) como também por Maldidier (2003) e Gregolin (2007, p.155) para quem Courtine teve um papel central nessa “leitura sem filtro” de Foucault. O encontro de Pêcheux com Marandin pareceu ser decisivo

para Foucault adentrar mais explicitamente o campo da AD, sobretudo a partir do “novo sentido histórico” que a noção de “acontecimento” conferiu aos estudos discursivos⁶. Assim Maldidier (2003) apresenta Marandin:

Fora da esfera do marxismo, ele tinha lido Deleuze e sobretudo o Foucault de *A Arqueologia do Saber*, sobre o qual ele toma grande apoio. Ele também tinha – e muito bem – lido Michel Pêcheux. Sua relação com este último se exprimia na sua tese, com seus germens, mas também com crítica. [...] À distância da referência marxista, ele mostrava a via de uma leitura “sem filtro” de Foucault, permitindo orientar a análise para a singularidade do acontecimento discursivo. (MALDIDIER, 2003, p.72).

Sobre Courtine, Maldidier (2003, p.75) menciona a defesa de sua tese posteriormente transformada em livro – *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, de 1981, referindo-se a ela como: “uma tentativa de síntese extremamente brilhante entre as proposições de Foucault e a teoria do discurso.”⁷. É nesse trabalho que Courtine postula a crítica à noção de “formação discursiva” “pelo crivo do marxismo” e, segundo Gregolin (2007, p.174), o autor “toma um caminho que é, política e teoricamente, ‘desconfortável’, apontando, ao mesmo tempo, falhas teóricas e falhas políticas nos pressupostos de base da análise do discurso, fortemente centrados nas teses althusserianas.”. Em entrevista mais recente a Nilton Milanez (2013, p.57), ao ser nomeado como aquele que “‘quebrou os espelhos’, como dizia Pêcheux, e trouxe Foucault para a *Análise do Discurso*”, em um momento

⁶ A partir desse “novo sentido”, os acontecimentos históricos são tidos por descontínuos e múltiplos, dispersos temporalmente, mas marcados na pontualidade de suas emergências e nas trajetórias de suas proveniências, formando séries discursivas a partir das quais, é possível “estabelecer séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o lugar do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição.”. (FOUCAULT, 2012, p.53).

⁷ Maldidier (2003) ressalta ainda a introdução do conceito de “memória discursiva” na AD a partir das reflexões de Courtine sobre o conceito de “campo associado”, presente em *A Arqueologia do Saber*.

histórico a que se seguiram “dolorosas rupturas” com o projeto discursivo pecheutiano inicial, Courtine responde que seu “papel na Análise do Discurso é muito mais modesto e bem menos importante que isso”, já que seu trabalho, àquela época, consistiu em fazer das noções foucaultianas conceitos operatórios no domínio da AD. Ainda em 1981, no livro supracitado, Courtine (2009) já apontava para o “pouco caso” que a AD atribuiu ao pensamento de Foucault, falando de suas ressalvas à maneira como as noções de Foucault foram apropriadas:

[...] em certo número de pontos, o objetivo e o objeto da AD e da *Arqueologia* divergem consideravelmente; isso significa que se encontrará na problemática de Foucault muito mais uma prática teórica exemplar na construção do conceito de FD do que uma bateria de noções aplicáveis imediatamente à AD: reler Foucault não é “aplicá-lo” à AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD. (COURTINE, 2009, p.82).

A trajetória teórica de Courtine e seus posicionamentos posteriores quanto ao campo da AD são bem ilustrativos das mudanças de concepção a que o projeto original de Pêcheux esteve sujeito. Gregolin (2008, p.21) chega a comentar que desde seu trabalho relativo ao discurso comunista, “seu pensamento não parou de produzir transformações no campo dos estudos discursivos”, principalmente naquilo que se refere à relação Discurso/História, sob a qual recai a ênfase deste artigo⁸. Ao que tudo indica, na articulação entre Discurso e História e tomando a trajetória de Courtine por referência, a entrada do pensamento de Foucault no campo da AD parece ter provocado certo deslocamento da perspectiva linguística para a perspectiva histórica, de modo que, nos estudos discursivos de orientação

⁸ De um “diálogo muito estreito com Pêcheux” a um distanciamento explícito das ideias discursivas, por mais de uma vez (MILANEZ, 2013; FERNANDES, 2010; COURTINE, 2013), Courtine reitera a atual posição de suas pesquisas ligadas às questões históricas sobre o corpo, a fala pública e as imagens, trabalhando “no interior de um campo em construção que (o próprio autor) tem denominado de **Semiologia Histórica**.” (GREGOLIN, 2008, p.28).

foucaultiana, a questão das discursividades se coloca em outros termos que necessariamente passam pela dimensão histórica, numa perspectiva que dialoga com os postulados de uma nova História⁹. Nas palavras de Courtine: “A dimensão histórica me parece fazer parte integrante de uma Análise do Discurso que desejaria continuar a se situar na perspectiva de sua fundação.”. (MILANEZ, 2013, p.58). E, obviamente, essa influência no campo da AD reflete também na trajetória dos analistas que optam por pensar discursivamente “com” Foucault e, por conseguinte, reflete também no próprio campo científico, conferindo-lhe uma matriz teórico-metodológica pautada na descrição da “espessura” sócio-histórica dos acontecimentos (SARGENTINI, 2010), numa ênfase arqueológica das discursividades historicamente constituídas.

Assim, no percurso teórico que tenta compreender a linha que liga Michel Pêcheux a Michel Foucault, é nos anos 1980-1983, e a partir deles, que se dá, de maneira mais direta, a entrada do pensamento de Foucault no campo da AD. Isso ocorre num período em que o projeto pecheutiano encontra-se em “desconstrução-reconstrução” e estende sua perspectiva histórica para fora do domínio marxista, se abrindo ao confronto com outras disciplinas e se reconhecendo como apenas mais uma disciplina “que têm a ver com o discurso”. (MALDIDIER, 2003, p.71). O novo sentido histórico proposto por Michel Foucault vai

⁹ Em contraposição à concepção tradicional de História, “o novo sentido histórico” proposto por Foucault e inspirado em Nietzsche (FOUCAULT, 2008d), basicamente concebe a História de maneira descontínua, abrindo a perspectiva a uma pluralidade de historicidades e acontecimentos dispersos, cada qual em sua periodização, com certa probabilidade de eles se entrecruzarem e de estarem interligados numa rede de relações discursivas e não-discursivas, donde emergem as discursividades como coisas ditas. Em *Retornar à História*, Foucault reforça essa pluralidade de historicidades trazendo a ideia de uma “história serial” que tem na mudança e no acontecimento, e não mais no tempo e no passado, suas noções fundamentais. A História “aparece não como uma grande continuidade sob uma descontinuidade aparente, mas como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas”, com tipos de duração diferentes, uma “multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros” e se correlacionam. (FOUCAULT, 2008e, p.293).

conferir à noção de discurso uma particularidade até então não operada no campo da AD: uma certa independência do discurso em relação à língua, questão problematizada por Courtine (2009) em *Análise do discurso político* e também por Possenti (2009, p.62), quando este afirma ser Foucault, dentre os autores usualmente associados à AD, “certamente o que está mais longe da lingüística”. Com a arqueologia de Michel Foucault, a articulação entre Discurso e História parece ganhar certa autonomia em relação à Linguística e às questões textuais. Nos termos de Courtine (2013), pensar a AD “com” Foucault requer um estreitamento com a História e isso será desenvolvido a seguir.

2. PENSAR DISCURSIVAMENTE “COM” FOUCAULT

Levar a cabo a proposta de Courtine de pensar “com” Foucault é reafirmar algumas considerações que, embora já sabidas aos analistas dos discursos, é de bom grado serem reforçadas. A primeira diz respeito ao fato de que as tentativas de diálogo entre Michel Pêcheux e Michel Foucault são todas elas “virtuais”¹⁰, uma vez que as filiações teóricas dos dois autores são bastante distintas, não havendo muito sentido falar de uma filiação de Foucault ao campo da AD, nem muito menos de Pêcheux às ideias foucaultianas. (PIOVEZANI, 2009; GREGOLIN, 2007; MILANEZ, 2013). Naquilo que aqui interessa, o lugar que Linguística e História ocupam na problemática do discurso é bastante diferente na perspectiva de cada um desses autores.

Gregolin (2007, p.60, grifo nosso) situa essa diferença retomando a “tríplice aliança” que funda os projetos dos dois autores: para Michel Pêcheux, Marx, Freud, **Saussure**; para Michel Foucault, Marx, Freud, **Nietzsche**, “o que já indica a relação muito mais forte de Pêcheux com a Linguística e

¹⁰ Para usar a expressão de Courtine. (MILANEZ, 2013).

de Foucault com as problemáticas da História e da Filosofia.”. A autora ainda lembra que, embora central à arqueologia de Foucault, as questões discursivas não são tratadas de maneira a “teorizar explicitamente os mecanismos da linguagem. [...] No que concerne à relação com a Lingüística, Pêcheux sempre esteve muito mais ligado do que Foucault às suas problemáticas.”. (GREGOLIN, 2007, p.146).

Se se pode falar de uma influência teórica entre esses dois autores, ela é constituída *a posteriori* por releituras e apropriações conceituais feitas por outros autores e teve mais força na direção de Foucault a Pêcheux, com a noção de “formação discursiva” ou da incorporação de uma nova dimensão histórica ao projeto pecheutiano, como citado anteriormente, do que o contrário. Piovezani (2009) fala de um descompasso entre o projeto foucaultiano que já seguia numa direção genealógica, quando Pêcheux e seu grupo faziam a apropriação de algumas noções arqueológicas de maneira mais efetiva, demonstrando que os empreendimento teórico mobilizado por Foucault e pela AD, ligada a Pêcheux, “não são irreconciliáveis, mas também não são exatamente compatíveis no que se refere à sua natureza, escopo e alcance. Com efeito, Foucault exerceu considerável influência sobre a AD, mas a recíproca não é verdadeira”. (PIOVEZANI, 2009, p.28).

Outra consideração é o fato da dimensão histórica proposta por Foucault ter um alcance teórico-metodológico bem maior que o propósito do campo da AD, quando este insiste nas questões concernentes à materialidade da língua, ainda que em sua relação com a História. Isso é posto por Courtine quando o autor afirma que o nível da análise discursiva, a partir da perspectiva histórica, se dá em “conjuntos discursivos muito mais vastos, muito mais moventes, muito mais heterogêneos [...] em um nível de generalidade, de amplitude e de instabilidade dos processos discursivos”,

(MILANEZ, 2013, p.58), chegando a ser inoperante com o nível linguístico da análise. Também em *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*, Courtine (2013, p.20) fala, retrospectivamente, dos “mal-entendidos” da análise linguística do discurso ao apropriar-se das noções arqueológicas e fazer uma operação “contra Foucault [...], e isso duplamente”, pois, além de Foucault já ter se distanciado da ideia de discurso, o autor ainda havia advertido que essa operação não seria muito apropriada, visto que a questão do discurso “não é senão assessoricamente, ou secundariamente, um problema linguístico”. (Ibid., p.22).

Courtine (apud MILANEZ, 2013; COURTINE, 2013) narra seu rápido encontro com Michel Foucault, nos anos de 1982, em uma viagem de trem de Paris a Grenoble, quando o autor ainda fazia parte do grupo de pesquisadores vinculados ao projeto de Pêcheux, e expôs a Foucault suas tentativas de adequação de *A Arqueologia do Saber* aos estudos discursivos. Somente mais tarde, na sua trajetória de distanciamento da Linguística e aproximação com a História, Courtine entendeu as advertências de Foucault à época:

Devo reconhecer à verdade histórica que ele (Foucault) não fez nenhum esforço para esconder seu ceticismo: ele me lembrou [...] da distância que ele mesmo tinha tomado frente à *Arqueologia* e da problemática do discurso que ali se encontrava elaborada. Ele me lembrou ainda da insistência com a qual ele tinha sublinhado o fato de que ‘o enunciado não era nem a frase, nem a proposição, nem o ato de linguagem’ e compreendi seu pouco interesse pelos nossos exercícios lexicais e sintáticos. (MILANEZ, 2013, p.56).

E é justamente sobre esse não interesse pelas questões linguísticas que Courtine (2013) esclarece os “mal-entendidos” da utilização do pensamento de Foucault no campo da AD. “Mal-entendidos” que passam, principalmente, pela confusão quase natural que se faz em associar a noção de discurso em Foucault com uma “ponta de linguagem”, o

que não é plausível, ao menos imediatamente, já que “o enunciado, e o discurso, são objetos linguísticos que não o são” (COURTINE, 2013, p.26), ou seja, as propriedades discursivas são bastante distintas das propriedades textuais e se aquelas assumem uma materialidade na linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, é porque elas passam por uma operação, uma reconstrução histórica de todo um conjunto de elementos políticos, institucionais, sociais, dos saberes e poderes que as atravessam e que, geralmente, se inscrevem em alguma materialidade, para qual convergem vários fios dessa rede discursiva e não-discursiva de relações¹¹. (COURTINE, 2013).

No entanto, apesar de todas essas contendas, elas não inviabilizam uma “inflexão arqueológica” no modo de proceder das análises, inclusive da análise que se efetua no campo da AD já que, segundo Courtine (2013, p.56), a perspectiva arqueológica “conservou, mediante algumas precauções a serem feitas, sua pertinência.”. E para finalizar essas contendas de filiações e advertências teóricas, distanciamentos e aproximações, Fernandes (2012, p.13) resume objetivamente: “Foucault não teve o intento de se colocar como fundador de um campo disciplinar – como a Análise do Discurso – e suas pesquisas não caminharam nessa direção.”. Mesmo com todas essas discussões, isso não impossibilita a leitura de Foucault e o reconhecimento de que sua obra é bastante profícua para a construção das noções presentes no interior do campo da AD, ampliando a abrangência da análise discursiva. (FERNANDES, 2012).

Assim, a par dessas considerações e tomando por referência Courtine em *Decifrar o corpo*, a questão não é operar analíticas “sobre” a abordagem discursiva de Foucault ou “contra” Foucault. Para Courtine (2013 p.9, grifo nosso) a questão é pensar “com” Foucault e fazer algumas apostas intelectuais, submetendo alguns conceitos

foucaultianos “à prova de um trabalho de **natureza histórica**” em que o objeto deve ser mostrado, decifrado nas historicidades que nele se inscrevem: o objeto “todo (ele) impresso de história”. (Ibid., p.18). Tomando o corpo por objeto da análise nas formações e transformações de sentidos que o acompanham, o autor percorre as condições históricas de produção e de apropriação dos sentidos que permitiram o corpo surgir e ser concebido em diferentes chaves de leitura ao longo da História, desde a Idade Clássica à contemporaneidade, buscando “discernir a impregnação profunda da história sobre o corpo”, “descobrir a parte de história no cotidiano de nossos corpos (e) forjar os instrumentos que permitem compreendê-la”. (COURTINE, 2013, p.9).

Fazer análise do discurso “com” Foucault é, portanto, não apagar a dimensão histórica e social de constituição das discursividades, é evidenciar e trazer para a análise propriamente dita aquilo que outros analistas de discursos já reiteraram: para Fernandes (2012, p.22), “os discursos [...] obedecem a determinações históricas; é a história que lhes assegura condições de possibilidades.”; Sargentini (2010) reflete sobre as relações entre Discurso e História e coloca que o conceito de discurso compreende um conjunto de práticas e “exige pensar a espessura histórica presente na discursividade.” (Ibid., p.102); em entrevista a Roger Chartier, Marques (2013) comenta que “é contra essa redução histórica no interior da AD que lutamos, ou seja, falar em Análise do Discurso com fulcro em Pêcheux e **Foucault** é tomar a memória e a **história** como condição *sinequanom* do funcionamento dos enunciados.” (Ibid., p.29, grifo nosso); Piovezani e Sargentini (2011, p.16) dizem que: “Para muitos de nossos pesquisadores em AD, a dimensão histórica, seja ela pensada pelo materialismo histórico seja pela genealogia foucaultiana, é central nas reflexões e análises.” De outros lugares de fala que não o campo da AD, o

discurso também é inseparável dos fatos históricos, como o é, por exemplo, em Veyne (2009):

[...] de onde saiu essa determinação pretensamente cega que é o discurso? O que o produz? De onde vêm as mutações misteriosas do discurso através dos séculos? Provêm muito simplesmente da causalidade histórica vulgar e bem conhecida, que incessantemente acarreta e modifica práticas, pensamentos, costumes, instituições, enfim, todo o dispositivo, com os discursos que nada mais fazem além de lhes delimitarem as fronteiras. (VEYNE, 2009, p.41).

Descrever, nas análises, a dimensão histórica que atravessa os discursos em seus processos de constituição é, portanto, uma das especificidades que o pensar discursivamente “com” Foucault oferece ao campo da AD. E para efetuar a descrição dessa dimensão sócio-histórica, compreender como opera a arqueologia dos saberes torna-se metodologicamente importante, uma vez que a arqueologia, para Prado Filho (2013, p.95), é uma “estratégia metodológica” que se propõe a traçar a “história dos discursos”, num “tratamento histórico dos discursos”, ou ainda, para Veyne (2009, p.59), uma proposta que busca interrogar a “constituição histórica” dos acontecimentos. Na defesa de estudos discursivos que valorizem a dimensão sócio-histórica das discursividades em suas analíticas, a arqueologia aparece como o método que disso se encarrega, visto ser ela uma “descrição” que busca “revelar o nível singular em que a história pode dar lugar a tipos definidos de discursos que têm, eles próprios, seu tipo de historicidade e que estão relacionados com todo um conjunto de historicidades diversas.” (FOUCAULT, 2009, p.186). Passemos, então, à sua compreensão.

3. A ARQUEOLOGIA COMO ANALÍTICA DISCURSIVA

Percorrer o caminho dessa constatação de reciprocidade metodológica entre a dimensão

histórica dos discursos e a inflexão arqueológica das análises é retomar alguns textos do próprio Foucault, num período em que, para Prado Filho (2013, p.94), “o saber, o discurso e as relações com a verdade” são o foco das análises. Nalli (2005) nos deixa uma boa pista ao lembrar que, “[...] os trabalhos de Foucault de 1968 a 1971, principalmente, *Réponse à une question, Sur l’archéologie des sciences. Réponse au Cercle d’Épistémologie, L’archéologie du savoir* e *L’ordre du discours*, são de natureza mais reflexiva e neles o autor buscou traçar considerações mais teóricas e conceituais sobre seu trabalho ‘historiográfico’ anterior.” (NALLI, 2005, p.152). Dentre esses trabalhos, *A Arqueologia do Saber* é o escrito em que Foucault (2009, p.153) elabora uma “bizarra maquinaria”, desenvolvendo as noções de formação discursiva e positividade, enunciado e função enunciativa, *a priori* histórico e arquivo, práticas discursivas e não discursivas e, ao definir todo esse “domínio” discursivo, o autor faz “surgir as especificidades de um método”, o próprio método arqueológico. O que para Foucault era para ser um “problema simples”, uma síntese acerca das noções arqueológicas dos saberes que têm “numerosas articulações com as práticas sociais”, tornou-se um “livro de leitura muito difícil”. (FOUCAULT, 2008b, p.150-151).

De acordo com Prado Filho (2013, p.94-95), *A Arqueologia* surge como resposta às polêmicas que a obra anterior, *As Palavras e as Coisas*, provocou no meio acadêmico e, ainda que o livro reúna vários conceitos, eles são “conceitos metodológicos” o que, no geral, confere a esse livro um tom mais metodológico que conceitual. Foucault, em entrevista a Rouanet e Merquior (1996), explica não ser *A Arqueologia* nem uma teoria, na medida em que não sistematiza as relações entre as formações discursivas e as formações não discursivas, nem tampouco resolve os problemas metodológicos, na medida em que não responde como se trabalhar com todos os instrumentos ali presentes ou se é

mesmo possível fazer a análise das formações discursivas elencando todas as possibilidades de correlações que ela, enquanto método, permite.

Ao que parece, tomando por base *A Arqueologia*, não é mesmo pretensão de Foucault desenvolver com esse livro uma teoria dos discursos, nem tampouco fazer uma trajetória corretiva das análises até então operadas ou ainda propor um modelo dedutivo abstrato, “aplicável a um número indefinido de descrições empíricas.” (FOUCAULT, 2009, p.129). O propósito de Foucault com esse livro parece ser, ainda que o autor venha a fazer isso em outras ocasiões posteriores, sintetizar seu empreendimento metodológico até então construído e anunciar o fechamento do modo “arqueológico” de tratar as noções relativas à arqueologia¹², ao dizer o seguinte:

[...] o empreendimento a que me liguei, há tantos anos, e que havia desenvolvido de uma maneira um tanto ou quanto cega, mas cujo perfil geral tento agora retomar [...] deve fechar seu ciclo. [...] tento mostrar como se pode organizar, sem falha, sem contradição, sem imposição interna, um domínio em que estão em questão os enunciados, seu princípio de agrupamentos, as grandes unidades históricas que eles podem constituir e os métodos que permitem descrevê-lo. (FOUCAULT, 2009, p.129-130).

Assim, à parte as leituras difíceis, críticas e confusões conceituais dela derivadas, é inegável o “singular lugar” que *A Arqueologia do saber* ocupa na obra de Foucault e, como já posto anteriormente por Courtine (2013), ela possui sim relevância e pertinência metodológicas. Ainda que haja ressalvas, o que se pretende ao considerar a arqueologia uma possibilidade de análise discursiva é, pois, compreender qual a designação que Foucault dá ao

¹²Na aula inaugural de suas atividades no *College de France* em 1970, publicada no livro *A ordem do discurso* (2012), e também em um conjunto de conferências realizadas em 1973, na PUC do Rio de Janeiro, posteriormente reunidas e publicadas sob o título *A verdade e as formas jurídicas* (2002), Foucault faz referência direta ao aspecto não-discursivo, entendendo-o como outro nível do discurso, operado não mais no nível daquilo que é dito, mas no nível daquilo que é estratégia de poder, de luta, no uso social dos discursos enquanto práticas, dedicando-se aos estudos genealógicos sobre o poder.

termo arqueologia, as características e configuração metodológicas do seu modo de operar, bem como os diferentes níveis de análise que a proposta arqueológica permite e, nesse percurso, tornar evidente quais contribuições a arqueologia oferece ao campo científico da AD.

Acerca do termo arqueologia, no texto *Michel Foucault Explica Seu Último Livro* (2008b), o autor comenta que a escolha por essa terminologia, inicialmente feita às cegas, querendo se diferenciar de uma análise histórica, no sentido tradicional, e também de uma epistemologia, enquanto “análise interna da estrutura de uma ciência”, pareceu-lhe, posteriormente, adequada. (FOUCAULT, 2008b, p.145). Esclarece que o uso do termo pode ser um pouco embaraçoso uma vez que tanto *arkê* (origem, em grego) como a ideia de escavação não condizem com a acepção metodológica que o autor queria conferir: Foucault não procura as origens, o ato de criação ou o criador de um dizível; nem busca pelas interpretações que revelam um outro enunciado mais profundo, pelas continuidades dos acontecimentos ou por minimizar as contradições dos discursos. O que Foucault parece designar por arqueologia é o exercício de descrever a história empírica das práticas em seus campos de enunciação, utilização e funcionamento, num “horizonte mais geral” que ele denomina arquivo; descrever os dizeres e fazeres singulares que acontecem e individualizam discursividades, que se impõem enquanto práticas institucionalizadas, fatos históricos que legitimam e determinam todo o modo de dizer e fazer de uma época, suas produções, circulação e apropriações, mediante regularidades; é nisso que parece consistir o empreendimento arqueológico do autor. Nas palavras do próprio Foucault, o termo arqueologia:

[...] designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que se pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo.

(FOUCAULT, 2009, p.149).

Percebe-se que a designação para “arqueologia” em Foucault já é em si um conceito metodológico, uma configuração entre outras noções teórico-conceituais que a arqueologia, por ela mesma, aciona ao produzir sua analítica, como que acionando modalidades distintas, mas pertencentes a um mesmo conjunto de elementos discursivos: a arqueologia como uma revelação, sempre inacabada, do “horizonte geral (o **arquivo**) a que pertencem a descrição das **formações discursivas**, a análise das **positividades**, a demarcação do **campo enunciativo**”, autorizando “a dar a todas essas pesquisas o título de arqueologia.”. (Ibid., p.149, grifo nosso). Para ajudar na compreensão desse emaranhado teórico-metodológico que designa o termo em questão, Orlandi (1987, p.29) lembra que a arqueologia pode ser pensada tanto em “termos técnicos”, quando se refere a práticas especificadas do arquivo, quanto em “termos genéricos”, quando designa o “conjunto de todas essas pesquisas, análises e descrições.”.

Pensar a arqueologia em “termos técnicos” é perceber que o raciocínio de implicação entre as noções pode se configurar assim: partindo do nível da coisa dita, os enunciados, exerce-se uma função enunciativa a qual pertence a uma formação discursiva inscrita num sistema mais geral que é o arquivo. E a descrição arqueológica parece ser o método que perpassa todas essas noções separadamente, além de fazer com que elas se impliquem. Foucault (2008a) reafirma “sua paixão própria de historiador que quer responder ao rumor infinito dos arquivos”:

[...] meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos. A arqueologia, tal como eu a entendo, não é parente nem da geologia (como análise dos subsolos), nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões); ela é a análise do discurso em sua modalidade de arquivo. (FOUCAULT, 2008a, p.72).

Sendo a arqueologia a descrição dos discursos em sua “modalidade de arquivo”, a noção de “arquivo” parece ser uma boa pista para desencadear a compreensão em meios a esse emaranhado teórico-metodológico. Em *Resposta a uma Questão*, Foucault compreende o arquivo como “o conjunto de regras que, em uma época dada e por uma sociedade determinada” define uma série de limites que formam e transformam o sistema geral dos enunciados. (FOUCAULT, 2010, p.10). Fazer a arqueologia das práticas discursivas, requer, portanto, a busca por esses limites e suas formas: *de dizibilidade* (de que é possível falar? Que tipo de discursividade foi destinada a tal e tal domínio?); *de conservação* (quais são os enunciados colocados em circulação, ou censurados, e em que grupos, e para que fins?); *de memória* (quais são os enunciados reconhecidos como (in)válidos? Que tipos de relações são estabelecidos entre o sistema dos enunciados presentes e o *corpus* dos enunciados passados?); *de reativação* (entre os discursos das épocas anteriores, quais são os que retomamos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir?); e por fim, *de apropriação* (como é institucionalizada a relação do discurso com aquele que o detém, com aquele que o recebe – indivíduos, grupos, classes que têm acesso? Como se define a relação do discurso com seu autor?). É sobre esse extenso horizonte que a arqueologia opera. (FOUCAULT, 2010).

Em “termos genéricos”, o interesse arqueológico está em descrever formações discursivas e seus arquivos, analisar positivamente, demarcar os campos de utilização e funcionamento das práticas discursivas, seus domínios enunciativos e isso diz respeito a reconstituir trajetórias, mapear e diagnosticar os rastros da “realidade material da coisa pronunciada ou escrita” (FOUCAULT, 2012, p.8), descrever “as relações que estão na própria superfície do discurso” (FOUCAULT, 2008b, p.146) de modo visível, dito e pronunciado.

A arqueologia, em sua natureza descritiva, “busca definir (...) os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras, (...) definir os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro; (...) é a descrição sistemática de um discurso-objeto.” (FOUCAULT, 2009, p.157-158).

Tanto em termos “técnicos” ou “genéricos”, uma das características da arqueologia parece ser, portanto, seu caráter descritivo em percorrer as múltiplas relações que os discursos estabelecem com as práticas sociais, seus enunciados e arquivos. E essas relações são balizadas por um conjunto de regras que regulam as práticas discursivas. Se bem percebermos, na proposta arqueológica, as noções trazem consigo certa regularidade, regras de formação que fazem delas o que elas são e “não outras em seu lugar”, um conjunto de regras que individualizam e tornam possível o surgimento das discursividades enquanto práticas. Essa ação de reger as discursividades para que elas surjam está presente em todas as noções arqueológicas: nas formações discursivas (regras que formam objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias temáticas), na função enunciativa que os enunciados exercem (em relação a um referencial, a uma posição-sujeito, a um campo associado, a uma materialidade), ou ainda no arquivo “que faz aparecer as regras de uma prática”, sendo ele um “sistema geral da formação e das transformações dos enunciados.” (ORLANDI, 1987, p.28). É por isso que para esse mesmo autor, uma das “fortes tarefas da análise arqueológica é (essa) de individualizar” discursividades mediante as regras que as regulam. (Ibid., p.29). Individualização que só é possível porque as regras, em suas regularidades, cumprem a função de determinar a prática discursiva, fazendo aparecer essa característica da arqueologia que é individualizar discursos, “definir

[...] os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras.” (FOUCAULT, 2009, p.157).

A função da regra pode ser facilmente explicitada: através dela, Foucault procura pensar ao mesmo tempo – em sua unidade – as relações que estruturam a prática discursiva, seu efeito coercitivo sobre os sujeitos que falam, e o que chama, enigmáticamente, de embreagem de um tipo de prática sobre outro (relação entre prática discursiva e não discursiva). (LECOURT, 1996, p.57).

Assim, descrever a trajetória das relações que especificam o domínio do discursivo, individualizar formações discursivas, “definir as positivities em que aparecem e as regras segundo as quais essas positivities foram formadas” (FOUCAULT, 2009, p.184), é uma das características da descrição arqueológica. É interessante perceber que sendo por excelência uma análise descritiva, a arqueologia favorece a dispersão dos acontecimentos discursivos ao mesmo tempo em que os individualiza, já que percorrer as trajetórias de constituição de suas historicidades ajuda na identificação do percurso e dos fatores envolvidos em seus surgimentos e funcionamentos. Fazer esse mapeamento dos fatores discursivos e não-discursivos que estão em jogo no surgimento e na manutenção de uma discursividade específica resulta, no mínimo, no traçado de múltiplas trajetórias e, por conseguinte, em bons diagnósticos.

Machado (1981, p.10) lembra que para “dar conta de determinado discurso é indispensável considerá-lo interna e externamente”, o que implica considerar, além dos elementos “intradiscursivos”, também os elementos “extradiscursivos” na multiplicidade de fatores sócio-históricos, econômicos, políticos, culturais etc. que constituem as discursividades, de modo que a análise se expande para um “espaço complementar”, não discursivo, numa concepção mais política das práticas discursivas, como indica Deleuze (1998). Essa relação entre as práticas discursivas e as práticas não

discursivas na arqueologia de Foucault já foi objeto de problematização em outra ocasião¹³, interessando para o momento ressaltar apenas a característica de implicação entre essas duas práticas, a existência de uma articulação entre elas que, embora não tenha sido desenvolvida em *A Arqueologia do saber*, tornou-se objeto de problematização em escritos posteriores, desembocando na noção de “dispositivo” presente na *História da sexualidade I – A vontade de saber*, de 1976 e também na entrevista *Sobre a história da sexualidade* publicada na edição brasileira de *Microfísica do poder* (2007).

Para ficar apenas na caracterização da arqueologia, em Foucault e Rouanet (1996, p.10), há um trecho em que se fala da intercomunicação livre entre “um conjunto de sistematicidades discursivas e constelações extradiscursivas [...]”, sendo “o discurso poroso à práxis, e a práxis modificada pelo discurso”. Foucault (2009, p.184) toma como exemplo a medicina e indica que, mesmo distintas, não há práticas não discursivas – sociais, institucionais, políticas, econômicas, dos saberes e das ciências – que não produzam discursos e não há discursos que não estejam articulados a essas práticas: “ela (a arqueologia) quer mostrar não como a prática política determinou o sentido e a forma do discurso médico, mas como e porque ela faz parte de suas condições de emergência, de inserção e de funcionamento”. O que se percebe é que a relação entre o institucional, o social, o político e aquilo que é dito a partir dessas instituições, desses domínios de saberes, estão ambos historicamente ambientados e metodologicamente implicados numa relação de “pressuposição recíproca”, nas palavras de Deleuze (1998). Parece que o discursivo e o não-discursivo, tanto empiricamente quanto em termos de categorias de análise, se presumem. Para Foucault,

¹³ Sobre essa implicação entre o discursivo e o não discursivo, consultar Paula e Fernandes Júnior (2013).

A arqueologia faz também com que apareçam relações entre as formações discursivas e domínios não discursivos (instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos); [...] ela tenta determinar como as regras de formação de que depende – e que caracterizam a positividade a que pertence – podem estar ligadas a sistemas não discursivos, procura definir formas específicas de articulação. (FOUCAULT, 2009, p.182-183).

Essa articulação com práticas que são exteriores ao domínio discursivo obviamente impõe à descrição arqueológica a necessidade de considerar o discurso também em suas relações com fatores que não são de natureza discursiva, o que dispersa, sobremaneira, a rede de relações que pode constituir uma descrição arqueológica. Essa problematização entre o discursivo e o não discursivo, de toda maneira, já indica uma articulação com o exercício do poder desses discursos nos campos de sua circulação e utilização, de modo que a arqueologia dos saberes já traz consigo, como decorrência, uma genealogia dos poderes que ditam as ordens de funcionamento dos discursos e provocam efeitos nas subjetividades que dele participam, desdobrando-se numa arqueogenealogia.

Talvez, seja por essa característica dispersiva da arqueologia que, ao apresentar a análise arqueológica, Orlandi (1987, p.30) se refere a ela em sua “pluralidade articulatória”, como uma “estratégia discursiva” que se configura em um “arranjo relacional”: “não se trata de descrever uma totalidade cultural, mas de estabelecer [...] um sistema de relações que não é o único possível num período”, podendo fazer aparecer “uma rede interdiscursiva”, um número não definido de redes que se “cruzem em alguns de seus pontos”. Lecourt (1996, p.49) também reforça a centralidade da noção de relação na tarefa da arqueologia: “Foucault entende por relação um conjunto de nexos de ‘coexistência, sucessão, funcionamento mútuo, determinação recíproca, transformação independente ou correlativa”, de modo que, fazer

aparecer o domínio do discursivo é “tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relação.” (FOUCAULT, 2009, p.32). E do ponto de vista analítico, interno e exterior ao discurso, essas relações podem ser muitas e em diferentes níveis de análise.

Após identificar o caráter descritivo da proposta arqueológica, a tarefa que cabe a ela de individualizar discursos mediante regras de formação internas e exteriores ao campo discursivo, a necessidade de considerar na análise tanto as práticas discursivas como as não discursivas, o que gera como efeito um arranjo relacional no mapeamento dos fatores que especificam discursividades, todos esses procedimentos caracterizando a arqueologia, resta, por fim, indicar que há diferentes níveis de análise que a descrição arqueológica permite, possibilitando ao analista do discurso “precisar o lugar exato de onde fala”. (ROUANET e MERQUIOR, 1996). Em meio a essa “bizarra” maquinaria teórico-metodológica que é *A Arqueologia*, e mesmo reconhecendo os problemas metodológicos que lá não são resolvidos, Foucault (2009) sugere um modo de operar todo esse domínio ao trazer a imagem mental de “círculos concêntricos” os quais corresponderiam aos níveis de descrição do enunciado e das formações discursivas, incluindo aí também, o nível de descrição dos arquivos, todos eles implicados numa descrição arqueológica.

A forma de articulação desses níveis analíticos adotada por Foucault é a imagem mental de “círculos concêntricos” que permitem ir da periferia para o centro e deste para a periferia, ou seja, das formações discursivas para o enunciado e deste para as formações discursivas, e porque não destas também para o arquivo a que pertencem. Nas palavras do autor: “Não procedo por dedução-linear, mas por círculos concêntricos, e vou ora na direção dos mais exteriores, ora na

dos mais interiores.”. (FOUCAULT, 2009, p.130). Na busca por demonstrar que o nível de descrição dos enunciados pode-se ajustar, ou melhor, é deliberadamente elaborado para se ajustar ao nível de descrição das formações discursivas, já que “os dois procedimentos são justificáveis e reversíveis” e “a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa”, (FOUCAULT, 2009, p.132), a imagem mental de “círculos concêntricos” proposta por Foucault, bem como a implicação metodológica não-linear que se pode estabelecer entre as noções de enunciado/formação discursiva/arquivo, ilustram o quanto a arqueologia possibilita diversas entradas analíticas. Tem-se que a cada um desses círculos corresponde um nível específico de descrição, acionando modalidades e regras distintas e estabelecendo redes de relações específicas: ora articulando fatores discursivos e não discursivos; ora analisando os sistemas de enunciabilidade e de funcionamento que fazem parte do arquivo; ora analisando fatores intradiscursivos; ora estabelecendo o referencial do campo enunciativo, ora as posições dos sujeitos assujeitados ao discurso; ora as regularidades que determinam as formações dos objetos e/ou dos conceitos e/ou das escolhas temáticas; todas essas possibilidades analíticas tornam-se viáveis conforme as características do objeto, num cotejar incessante entre ele, a teoria e o próprio método.

São, portanto, múltiplas as opções teórico-metodológicas que individualizam as discursividades e as fazem emergir em suas historicidades. Vários estudos discursivos elegem as “formações discursivas” como a noção teórico-metodológica norteadora da análise (COURTINE, 2009; BARONAS, 2007¹⁴), outros já fazem a análise

¹⁴ Sobre esse tema consultar Baronas (2007) onde o autor reúne 13 artigos de diferentes autores nos quais a noção de formação discursiva é a temática das discussões.

partindo da noção de “arquivo” (SARGENTINI, 2010; GUILHAUMOU & MALDIDIER, 1994)¹⁵ e outros, como por exemplo Deleuze (1998), elegem a noção de “enunciado” como conceito central. Ou seja, não há, a priori, no pensar “com” Foucault, um caminho metodológico a ser seguido, mas sim percursos possíveis de serem percorridos e descritos, conforme o objeto a ser analisado, configurando-se, cada um desses percursos, como possibilidades analíticas. Diante essa pluralidade de redes de relações e de níveis de análise que a perspectiva arqueológica do pensar discursivamente “com” Foucault permite, vale avisar que a tarefa de descrever todas essas entradas analíticas é praticamente inviável, sendo necessário apontar a distância entre o potencial metodológico da arqueologia e a capacidade de descrever um quadro analítico em sua totalidade, o qual comporta todas essas modalidades analíticas. As escolhas vão depender do recorte analítico que o objeto permite e do lugar em que o analista opta por se situar, em meio a esse emaranhado teórico-metodológico que é a arqueologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percorrer dessa trajetória reflexiva que busca marcar certo posicionamento teórico-metodológico e, a partir dele, indicar algumas contribuições do pensamento foucaultiano para o campo da AD, chegamos a alguns apontamentos que

¹⁵ Para Sargentini (2010, p.101), o conceito de arquivo é um bom operador “como forma de selecionar, recortar e explorar o material de análise.” Para Guilhaumou e Maldidier (1994, p.181), há uma complexidade maior na pesquisa que tem o arquivo como conceito operatório da análise, já que a materialidade dos textos que o compõem é extensa: “A consideração da dispersão máxima do arquivo torna complexa, nós o vimos, o procedimento do analista do discurso. Do trajeto temático ao momento de corpus passando pela análise contextual, a exploração arquivística mergulha o pesquisador na materialidade dos textos.”

podem ser úteis àqueles pesquisadores que, como nós, escolheram pensar discursivamente “com” Foucault. O primeiro apontamento funciona como um alerta já que a ênfase na relação Discurso/História, além de marcar um posicionamento teórico-metodológico no interior do campo da AD e, portanto, uma escolha por parte dos pesquisadores, reitera também um posicionamento do próprio Courtine (FERNANDES, 2010) e também de analistas dos discursos contrários a uma prática contemporânea que negligencia a dimensão histórica dos acontecimentos discursivos, caindo no lugar comum de fazer do pensamento de Foucault uma mera aplicação metodológica, colocando-o à prova em análises de “panfletos publicitários” e “recortes jornalísticos” sem remetê-los à “espessura” sócio-histórica que os constituem ou sem percorrer a rede de relações não-discursivas que também os atravessam. (GREGOLIN, 2007).

E o “pensar com Foucault”, a partir da proposta arqueológica, consiste justamente no contrário dessa negligência: consiste em acionar uma metodologia de descrever as condições que permitiram aos acontecimentos discursivos, como “evidências de seu próprio tempo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), emergirem e entrarem em utilização numa dada época, buscando percorrer as trajetórias de constituição histórica, sócio-cultural, política, econômica e institucional da rede de relações dos diversos fatores que se entrecruzam e que determinam o surgimento de um discurso específico, em seu caráter de acontecimento histórico singular. E, a partir desse discurso individualizado, abre-se novamente, na metáfora da dispersão, outra rede de elementos heterogêneos que estabelecem relações com novas práticas discursivas e fatores “extradiscursivos”, no campo de seus funcionamentos, utilizações e apropriações sociais. Esse é *modus operandi* da arqueologia que já traz consigo indícios de uma genealogia e nisso, a partir da chave de leitura

proposta e na interlocução principalmente com Courtine (2013), consiste o pensar discursivamente “com” Foucault.

Desse posicionamento teórico-metodológico já demarcado, um último apontamento caminha na direção de indicar o seguinte: ao percorrer esses caminhos “intra” e “extradiscursivos” de análise, no mapeamento e diagnóstico dos fatores envolvidos na individualização dos discursos, além de uma operação metodologicamente discursiva ir se construindo, o estreitamento com a dimensão histórica também revela aspectos críticos e políticos da arqueologia. Ao fazer aparecer as diferenças que constituem as práticas sociais e analisá-las em suas “diferenças últimas” (VEYNE, 2009), o pensar “com” Foucault identifica as arbitrariedades que se inscrevem nos discursos conforme a ambientação histórica, política e sócio-cultural a que eles pertençam e, nessa operação de denúncia, talvez as práticas sociais, sejam elas discursivas ou não discursivas, estejam menos sujeitas a convencionalismos e “falsas generalidades”, sejam menos estereotipadas e estigmatizadas, e nesse movimento crítico, elas sejam concebidas em suas afirmações, em suas singularidades de serem, assim como qualquer outro tipo de prática social, apenas diferenças. A arqueologia, para além de um método, leva à produção das diferenças. O pensar “com” Foucault provoca e produz diferenças. (PAULA, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 1968: *A irrupção do acontecimento*. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/academico/artigos.htm> Acesso em 04/07/2013.

BARONAS, Roberto L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João

Editores, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. (org.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p.11-19.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos; EdUFSCar, 2009. p.27-96.

_____. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso, história e arqueologia (entrevista com Jean-Jacques Courtine concedida a Cleudemar Alves Fernandes). In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. (org.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p.17-30.

_____. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. Sobre as Maneiras de Escrever a História. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Seleção e organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Ditos e escritos; II) p.62-77.

_____. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Seleção e organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b. (Ditos e escritos; II) p.145-152.

_____. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Seleção e

organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008c. (Ditos e escritos; II) p. 82-118.

_____. Nietzsche, a Genealogia, a História. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Seleção e organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008d. (Ditos e escritos; II) p.260-281.

_____. Retornar à História. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Seleção e organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008e. (Ditos e escritos; II) p.282-295

_____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Resposta a uma Questão. In: *Repensar a Política*. Seleção e organização de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos e escritos; VI) p. 01-24.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel; ROUANET, Sérgio Paulo (et al.). *O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1996.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar A. e SANTOS, João Bosco (Orgs). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

_____. *Foucault e Pécheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

_____. J.-J Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares.

In: _____. SARGENTINI, Vanice (Orgs.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p.21-36.

_____. *As bases epistemológicas da AD face aos objetos*

- da mídia. (minicurso) IV Encontro em Análise do Discurso: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas. UNESP/Araraquara: agosto de 2013.
- GUILHAUMOU, J. & MALDIDIÉ, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- LECOURT, Dominique. A Arqueologia e o Saber. In: FOUCAULT, Michel; ROUANET, Sérgio Paulo (et al.). *O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1996. p.43-66.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MALDIDIÉ, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução: Eni P. Orlandi – Campinas: Pontes, 2003.
- MARQUES, Welisson. História e Discurso em Michel Foucault: entrevista com Roger Chartier. In: FERNANDES, Cleudemar Alvez et al. (org.). *Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos*. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.21-36.
- MILANEZ, Nilton. Foucault e a história da Análise do Discurso, olhares e objetos: entrevista com Jean-Jacques Courtine. In: FERNANDES, Cleudemar Alvez et al. (org.). *Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos*. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.37-63.
- NALLI, Marcos Alexandre Gomes. Sobre o conceito foucaultiano de “discurso”. In: ORLANDI, Luiz (org.). *A diferença*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. p.151-168
- ORLANDI, Luiz B. L. Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze. In: TRONCA, ÍTALO (org.). *Foucault vivo*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p.11-42.
- PAULA, Carine Fonseca Caetano de. *Sobre saberes e verdades: as discursividades científica e feiticeira no livro-enunciado de Carlos Castañeda*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica especial de Letras e Linguística, Catalão-GO, 2014. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3816?locale=pt_BR. Acesso em 18/02/2016.
- PAULA, C. F. C. e FERNANDES JÚNIOR, A. O que torna uma análise discursiva? Percorso histórico de compreensão. In: *Linguagem: Estudos e Pesquisas*. Catalão, GO: vol. 18, n. 2, p. 181-202, jul/dez, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=lep&page=article&op=view&path%5B%5D=39585>. Acesso em 18/02/2016.
- _____ O discursivo e o não discursivo: uma relação de implicação mútua no saber/poder de Michel Foucault. In: *Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, julho/2013. Disponível em http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simpósio_49.pdf p.2129. Acesso em 10/02/2016.
- PIOVEZANI, Carlos. Foucault com Courtine: corpo e discurso. In: GOMES, Daniel; SOUZA (org.) *Foucault com outros nomes: lugares de enunciação*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p.27-46.
- PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil. In: PIOVEZANI; SARGENTINI. (org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011. p.7-38.
- POSSENTI, Sírio. Sobre língua e discurso. In: *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- PRADO FILHO, Kleber. Michel Foucault, historiador do pensamento. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al. (org.). *Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos*. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.87-98.

ROUANET, Sergio P.; MERQUIOR, J.G. Entrevista com Michel Foucault. *In: FOUCAULT, Michel; ROUANET, Sérgio Paulo (et al.). O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1996. p.17-42.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. *In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. (orgs). A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-102.

TRONCA, Italo A. Foucault e a História: um espaço em branco. *In: _____. Foucault vivo*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p.7-10.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

Submissão: 03 de novembro de 2019.

Aceite: 05 de novembro de 2019.